

Aleluia, Aleluia Cristo Ressuscitou!





Bênção dos Ramos

Catarina Lima

Cumprindo a tradição, realizou-se a 29 de Março de 2015, a Bênção dos Ramos de Oliveira, uma tradição com forte simbologia no Calendário Cristão.

No Dia de Ramos, sempre foi hábito que os adultos mas sobretudo as crianças, fossem cortar um belo ramo de oliveira para benzer na Missa e logo oferecer aos Padrinhos para que no dia de Páscoa fossem presenteados com o “folar”, o próprio, de farinha, ovos e carne ou mesmo uma bela prenda em dinheiro, roupa, brinquedos...

Logo pela manhã, todos se apressam a cortar e enfeitar o seu ramo, da melhor forma possível. Uns, apenas aparando o dito ramo, outros, não se limitavam a isso e enfeitavam o ramo com alecrim, bolachas, rebuçados ou outras guloseimas para melhor convencer o padrinho ou a madrinha e assim o folar ser mais valioso.

Este ano, o sr. Padre Humberto realizou a Bênção dos Ramos, no largo fronteiro à Igreja Matriz de Pombal, no alto da escadaria que ca ela conduz, reunindo à sua volta, um elevado número de pessoas.

Foi uma cerimónia bonita, conforme se pode ver pelas fotografias, que ilustram bem todo o ambiente que se viveu.





Decar, Moveis e Carpintaria

Cozinhas | Quartos | Salas
Parquet flutuante | Soalhos | Forros
Todo o tipo de mobiliário por medida

Celestino Araújo Alves

278615060 | 961867993 | 912093010
Rua Tinta Barroca n.º 74 | 5140-353 Carrazeda de Ansiães



JMLIMA
soc. mediação de seguros

José Lima
TM.: 91 943 55 56
jmlima.seguros@sapo.pt
www.jmlimaseguros.com

Rua Bombeiros Voluntários, 196
5140-060 CARRAZEDA DE ANSIÃES
T.: 278 616 218 F.: 278 617 953



Quintinha do Manel

Rua Tenente Aviador Melo Rodrigues
Carrazeda de Ansiães

Restaurante, Pensão / Residencial

278617487



SuperMaisAnsiães

Rua Dr.º José João de Freitas N.º 50 * 5140-069 - Carrazeda de Ansiães
Tlf/Fax 278 615 000

FICHA TÉCNICA**Nome**

O Pombal

PropriedadeAssociação Recreativa e Cultural
de Pombal de Ansiões**Nº de Pessoa Coletiva**

500 798 001

Publicação Registada na D.G.C.S.

122017

Depósito Legal

129192/98

Diretora

Fernanda Natália Lopes Pereira

Paginação e Composição

João Miguel Almeida Magalhães

Redação e ImpressãoLargo da Igreja, 1 - Pombal de Ansiões
5140-222 Pombal CRZ
Telef. 278 669 199 * Fax: 278 669 199
E-mail: jornal@arcpa.pt**Home Page**<http://www.arcpa.pt>**Redatores**

Tiago Baltazar; Patrícia Pinto; Liliana Carvalho.

Fotografia

Fernando Figueiredo; Eduardo Teixeira; Fernanda Natália

ColaboradoresVitor Lima; Fernando Figueiredo;
Fernando Campos Gouveia; Flora Teixeira; Manuel Barreiras
Pinto; Catarina Lima; Aníbal Gonçalves; José Mesquita; João
Matos; Carlos Fiúza; Fátima Santos; Adriana Teixeira; Maria
João Neto; Raúl Lima; Rui Magalhães; Fernanda Cardoso.
(Os artigos assinados são de exclusiva responsabilidade dos seus autores)**Tiragem Média**

500 Exemplares

PreçoO jornal O POMBAL é gratuito para os
residentes em Pombal de Ansiões

Assinatura Anual (Sócios)

Portugal: 8,00 Euros;

Europa: 18,00 Euros;

Resto do Mundo: 25,00 Euros

Assinatura Anual (Não Sócios)

Portugal: 12,00 Euros; Europa: 25,00 Euros;

Resto do Mundo: 35,00 Euros

Pontos de VendaSede da ARCPA (Pombal);
Papellaria Horizonte; Ourivesaria Cardoso;
Papellaria Nunes
(Carrazeda de Ansiões)

FUNDADO EM 1 DE JANEIRO 1997

EDITORIAL



**Fernanda
Natália**

Eu sou daquelas pessoas que acredita que, para haver desenvolvimento, tem de se apostar na novidade. Isto aplica-se aos vários setores onde o ser humano interage.

Por exemplo, quando alguém aposta no caminho do empreendedorismo empresarial, tem, necessariamente, de oferecer algo de diferente para que possa ter êxito. É a diferença que atrai as pessoas. Quando tal não acontece pode resumir-se ao ter “mais do mesmo” e, o fracasso é o final mais previsível.

Mas, para se apostar na diferença para melhor é preciso ousadia. Mas, não pode ser uma ousadia inconsequente, cujas ações são tomadas de ânimo leve. Importa ter presente os interesses daqueles a quem se pretende “servir” e oferecer novidade aliada à qualidade.

Neste âmbito, realço a excelente ideia dos membros da Direção da ARCPA ao organizarem a Feira de Produtos Regionais e Artesanato com que nos brindaram este ano na XXI Prova dos Vinhos. Um bom exemplo da intenção não só inovar como enriquecer este evento. Embora com algumas contrariedades, inclusive, climáticas e a concorrência do jogo FCPorto – SL Benfica, uma aposta que deverá ter continuidade. E, se o jogo de futebol acabou empatado, a ARCPA ganhou uma nova dinâmica que promete surpreender-nos com outras novidades.

OURIVESARIA CARDOSO

de

José Alberto Pinto Pereira

Rua Luís Camões

Telef. 278 617 284 - 5140 Carrazeda de Ansiães



Loja 1: Rua da República nº107 • tel. 278 263 263 • fax 278 262 628 • 5370-347 MIRANDELA
Loja 2: Rua de Stº António • Tel/Fax 278 616 515 • 5140-095 CARRAZEDA DE ANSIÃES
ARMAZÉM: Cruzamento de S. Salvador • Tel. 278 262 855 • 5370 MIRANDELA
E-mail: geral@miravet.eu - www.miravet.eu



RÁDIO ANSIÃES, C.R.L.

Rua Tenente Aviador Melo Rodrigues
5140-100 Carrazeda de Ansiães

Internet: www.ransiaes.pt

E-mail: geral@radioansiaes.pt

Dep. Comercial: 910 043 373

Participar nos programas:

Telefone: 278616295

SMS: 912217320

musica@radioansiaes.pt

Publicidade:

910043373

278616365

geral@radioansiaes.pt

A Rádio Ansiães apoia a ARCPA, ciente da colaboração
no progresso do concelho de Carrazeda de Ansiães.

os congelados do rauss



peixe
mariscos
ultracongelados
vegetais
conservas
bacalhau sêco

QUALIDADE * VARIEDADE * PREÇOS BAIXOS

rua marechal gomes da costa 269 r/c - tlf. 278 618 096

CARRAZEDA DE ANSIÃES

(junto às traseiras do antigo centro de saúde)



Sabemos que a sua preferência fará o nosso sucesso!



BORGES PINTO & FERREIRA, LDA.

Confeitaria e Pastelaria, Restaurante
Snack-Bar, Salão de Chá e Café

Rua do Campo Alegre, 654
Telefone 226 068 646
4150-171 PORTO



Largo do Chafariz - 5070 Alijó
Telef. 259 956 691

Rua Luís de Camões, 791 - 5140 Carrizada de Ansiães
Telef. 278 616 335

Av. das Amoreiras, 130 - 5370 Mirandela
Telef. 278 265 213
Telef. 912 224 418



Tlf.: 278 610 040 Tlm: 917 838 018
Fax: 278 610 049 vanguardalda@gmail.com
Delegado Centro Sul (Coimbra)
Arq. Jaime Veiros Tlm.: 917837198

Rua Marechal Gomes da Costa, 319, 1º Dtº
5140-083 Carrizada de Ansiães

O Jornal **pombal**
tem o patrocínio do



INSTITUTO PORTUGUÊS
DO DESPORTO
E JUVENTUDE, I. P.



Regulamento Cedência do Salão

Sócio(a) / Filho(a) de Sócio(a) / Cônjuge

Dias	Salão	Loiças	Cozinha	Salão/Loiças/Cozinha
1	40€	15€	30€	75€
3/4	100€	40€	80€	200€

Não Sócio(a)

Dias	Salão	Loiças	Cozinha	Salão/Loiças/Cozinha
1	80€	30€	60€	150€
3/4	200€	80€	150€	300€

Obs: Para este efeito, as regalias de sócio, adquirem-se desde que se seja sócio(a) há mais de um ano, na data do pedido.

O salão deverá ser sempre pedido por escrito, com uma antecedência adequada.

Para casamentos, principalmente no Verão e datas festivas, a antecedência deverá ser, no mínimo de três meses,

Os pedidos serão objecto de apreciação e decisão, por ordem de chegada. Sempre que os pedidos sejam coincidentes, os sócios terão preferência sobre os não-sócios.

Ex.mo(s) Senhor(es) Associados/Assinantes

Caso pretendam receber o jornal, deverão recortar/copiar e preencher a Ficha de Assinatura abaixo e enviá-la para a ARCPA, com o respectivo meio de pagamento ou comprovativo de transferência bancária dos valores indicados, para as seguintes contas:

Caixa de Crédito Agrícola Mútuo (C.a Ansiães) - NIB - 0045 2190 40052054541 39

JORNAL - O POMBAL

FICHA DE ASSINATURA

NOME - _____

MORADA - _____

LOCALIDADE - _____ CÓD. POSTAL - _____ - _____

PAÍS - _____

SÓCIOS ARCPA

Assinatura anual

- 8,00 Euros PORTUGAL

- 18,00 Euros EUROPA

- 25,00 Euros RESTO DO MUNDO

NÃO SÓCIOS

Assinatura anual

- 12,00 Euros PORTUGAL

- 25,00 Euros EUROPA

- 35,00 Euros RESTO DO MUNDO

ENVIO CHEQUE No _____ BANCO _____

VALE POSTAL No - _____

ou comprovativo de transferência bancária com a identificação do assinante

DATA - ____ / ____ / ____ Assinatura - _____

Envie para: Jornal O POMBAL * Largo da Igreja, 1 POMBAL

5140-222 POMBAL CRZ - CARRAZEDA DE ANSIÃES

Obs.: O pagamento deverá ser efectuado no início de cada ano.



Figuras e Factos

Remendo novo em pano velho

Fernando Figueiredo

Nas muitas coisas que tenho dificuldade em entender, inclui-se a relutância que a maior parte das pessoas revela em pedir desculpa aos seus semelhantes, familiares ou não.

Tendo a nossa cultura ocidental uma forte matriz judaico-cristã, isto para irmos à raiz das coisas e tentarmos entendê-las de forma sustentada, mais me custa ainda a entender, pois já Cristo criticava a soberba dos fariseus e o próprio Cristianismo inclui nos sete pecados capitais a soberba, de que se apresenta uma definição, que nem sequer é do Catecismo Católico:

A soberba (do latim *superbia*) é conhecida também como vaidade ou orgulho. Está associado ao orgulho excessivo, arrogância e vaidade.

Em paralelo, segundo o teólogo Tomás de Aquino, a soberba era um pecado tão grandioso que era fora de série, devendo ser tratado em separado do resto e merecendo uma atenção especial. Aquino tratava em separado a questão da vaidade, como sendo também um pecado, mas a Igreja Católica decidiu unir a vaidade à soberba, acreditando que neles havia um mesmo componente de vanglória, devendo ser então estudados e tratados conjuntamente.

(WIKIPÉDIA)

De facto, só a soberba, nas suas vertentes de vaidade, arrogância e orgulho, podem impedir as pessoas de tratar bem e viver harmoniosamente com os seus semelhantes, pedindo-lhes desculpa quando, de qualquer modo e por qualquer razão, deixam de o fazer e disso têm consciência.

Acresce que os cristãos, enquanto tal e agindo assim, estão a pecar e, como tal, devem confessar-se... Sei que alguns se têm por muito bons crentes mas



dizem não acreditar na Confissão... Então estão de novo em falta, pois a Confissão é um dos Sacramentos. A crença é em pacote e não em fatias (desculpe-se a simplicidade da linguagem)... Ou será que é mais fácil acreditar no Sacramento da Eucaristia?

Assim, é tudo ou nada! Não há como fugir...

Esta argumentação de modo algum pretende excluir os não cristãos ou não crentes, da obrigação que têm de, igualmente, deverem mostrar a mesma atenção para com os seus semelhantes ou concidadãos.

Com efeito, manda a educação que o façam sempre que tenham consciência de que falharam na sua obrigação de ser atenciosos, respeitadores e cumpridores dos seus deveres para com alguém, independentemente da idade, do estatuto, do género e do grau de parentesco.

Ninguém é dono de ninguém, nem está dispensado de ser edu-

cado e respeitador de todos os outros.

Vamos agora a coisas práticas e desfaçam-se alguns equívocos...

Não se deixe criar sobretudo nos mais novos, como já tenho visto, a ideia de que um simples pedido de desculpas, que sempre fica bem e nos enobrece, é suficiente para cobrir e ultrapassar todos os problemas e prejuízos. Por vezes, há reparações morais e materiais a fazer também. Isso deve ser ensinado.

Uma coisa é ter consciência do que se vale e do que se fez, ou vaidade e até justo orgulho no sucesso próprio e dos nossos familiares ou semelhantes, sem que tal leve a desprezar os outros; outra coisa é envaidecermo-nos por coisas fúteis e banais que são da nossa obrigação e que deviam ser comuns em todos. Outra ainda é a vaidade sem haver de quê, só por mania. E o que por aí vai!...

Normalmente, quem tem valor é humilde e não lhe custa nada

pedir desculpa. Fá-lo com naturalidade e sinceridade. Se é mais instruído, tem mais obrigação, não está dispensado. Naturalmente, também não tem que ser achincalhado. Era o que faltava!...Ou seja: ninguém tem que pedir desculpa por ter sucesso, se o conseguiu por mérito próprio e não por favores alheios, tantas vezes inconfessáveis...

Contrariamente ao que alguns fanfarrões pensam e exibem, a arrogância e o orgulho são comportamentos estúpidos que, ao invés de enobrecerem ou elevar, rebaixam e diminuem quem os pratica. Vivem num mundo de ilusão e ninguém os leva a sério. Há quem tenha de os aturar, porque precisa deles; mas, detesta-os.

Às vezes, ficamos estupefactos como alguns, por nada ou por muito pouco, se armam em importantes e fanfarrões, não sendo raro comentar-se que, se mais tivessem de quê, como seriam então!. Resposta simples: se tivessem verdadeiramente de quê, não agiam assim!

De facto, estes tipos de comportamentos são também uma das piores defesas dos incompetentes que, à falta de conhecimentos e de informação que deviam ter ou adquirir, arremetem contra os que os procuram, a quem têm de servir ou contra quem se querem evidenciar. No fundo, muitos nem sabem como chegam a meter pena!

Pela minha parte, ao longo da vida, tenho errado muitas vezes e cometido muitas faltas. Sempre que me lembro de nem sempre ter por eles pedido desculpas atempadas, lamento e penalizo-me por isso, principalmente se a reparação tardou ou já não é possível. Em boa verdade, nunca foram procedimentos e fa-

lhas graves que me atormentem a consciência, mas eram porventura todos escusados.

Quanto mais fico velho, mais consciência tenho das minhas limitações e fraquezas. Vendo bem, até a mim próprio tenho que pedir desculpa, não só por ter cometido faltas, completamente desnecessárias, e por ter estado menos atento aos outros e ao que me rodeava; mas também pelo que podia ter aprendido, a todos os níveis e, por comodidade, desinteresse, falta de empenhamento, desvalorização do assunto e tantas outras banalidades, descurei.

Sem falsa modéstia, entre o muito que julgo que podia ter feito e o que realmente fiz, vai uma imensidão de coisas. Nunca conseguirei acabar com este desassossego. Mas dizem-me que isso faz parte da vida!

Esta partilha, quase confessional, é sobretudo para tentar animar e estimular os mais novos, para que não esperem que os outros façam o que lhes cabe a eles e que se atirem, com determinação e sem desfalecimentos, ao mundo e à vida. O mundo é imenso... e a vida é um instante.

Como diz a canção de Pedro Abrunhosa: “Vamos fazer [sobretudo] o que ainda não foi feito... Porque amanhã é sempre tarde demais.”

Para não ter de pedir desculpas, o melhor seria nunca falhar. Mas, como a pessoa humana é tão imperfeita, quando reconhece as suas faltas e por elas pede desculpa a quem deve, só se enobrece a si e eleva perante os outros.

Cada um de nós pode estar a pensar em muitos casos, antigos ou recentes, aos quais esta orientação se pode aplicar. Como sempre, será mais fácil pensar nos outros e, por isso, não interessa aqui mencioná-los.

E nós?

Sem falsos moralismos, o saudável procedimento de pedir desculpa deixa-nos sempre bem melhor com a nossa consciência. Não é uma boa recompensa?

Então, será assim tão difícil pedir desculpa?



Laço Humano

Campanha de prevenção dos maus-tratos infantis

Fernanda Natália



A Comissão de Proteção de Crianças e Jovens de Carrazeda de Ansiães (CPCJ) não quis deixar passar em vão o facto de o mês de Abril ser dedicado à prevenção dos maus-tratos infantis. Para tal, organizou a formação de um laço humano, integrando alunos do Pré-Escolar, 1º e 2º Ciclos do Agrupamento de Escolas de Carrazeda de Ansiães e as crianças do infantário da Santa Casa da Misericórdia.

Tomando como referência a Campanha do Laço Azul, que surgiu nos Estados Unidos da América, com o qual se pretendia chamar a atenção para o flagelo dos maus-tratos sofridos na infância, os alunos desfilaram pelas ruas de Carrazeda de Ansiães, empunhando cartazes e vestidos de azul e, no espaço em frente ao CITICA formaram um gigante laço humano. Cada participante recebeu um balão também azul que no final permitiu criar um ambiente ímpar quando os balões foram soltos. Estes,

à medida que se iam elevando no ar, tinham muitos olhos a segui-los numa singela e sincera manifestação de apoio à luta contra os maus-tratos infantis.

Esta atividade reveste-se de muita importância no sentido que importa “espicaçar” a sociedade para que esteja mais atenta e pró-ativa no sentido de impedir que as crianças sejam vítimas de qualquer forma de violência.

Tendo em conta o número de pessoas que, por saber antecipadamente do evento ou movidas pela curiosidade, acompanharam de perto as crianças que participaram nesta manifestação pacífica, cremos que foram alcançados os objetivos que presidiram à mesma. Cada balão azul levava muito mais do que o hélio que o fazia subir. Levava a esperança de que esta actividade conseguisse despertar consciências daqueles que presenciaram esta iniciativa.



Crónicas de uma Pombalense

Os (en)cantos do Douro

Hermínia Almeida



Nos últimos dias fui surpreendida pela seguinte notícia, divulgada na comunicação social:

“A Estrada Nacional 222, que liga o Peso da Régua ao Pinhão, no distrito de Vila Real, foi eleita a melhor do mundo para conduzir, de acordo com o Índice de Condução Avis (ADR - Avis Driving Ratio), desenvolvido pela Avis rent a car.”

Naquele estudo levado a cabo pela Avis, foram avaliados 25 troços rodoviários em todo o mundo, nomeadamente estradas do Reino Unido, França, Japão, Austrália, Argentina e Estados Unidos, para além de Portugal.

E não é que a melhor estrada é portuguesa e, afinal, situa-se na região que tanto prezo. Fiquei curiosa e, simultaneamente, orgulhosa. É

sempre bom ver a nossa região do Douro ser notícia por bons motivos. É que, este tipo de informação pode ser o caminho para despertar outras coisas positivas.

Será, certamente, importante para o desenvolvimento do turismo da região. Esta notícia correrá o mundo e aguçará a curiosidade de muitos que vão querer conhecer a famosa estrada, de cerca de 27 km de extensão, que atravessa o vale do rio Douro. Os que vierem conhecê-la apreciarão, com toda a certeza, a paisagem deslumbrante e única dos socalcos do Douro Vinhateiro, Património da Humanidade, desde 2001, experimentarão a boa gastronomia e provarão, como não podia deixar de ser, o bom vinho que nos caracteriza.

Já agora, a título de curiosidade, a estrada “Big Sur”, na Califórnia, ficou em segundo lugar e a A535, no Reino Unido, em terceiro.



Concurso Nacional de Leitura

Fernanda Natália



No dia 24 de abril, Carrazeda de Ansiães recebeu os alunos que participaram na segunda fase distrital, da 9ª edição do Concurso Nacional de Leitura, correspondendo à final do concurso.

O evento decorreu no auditório do CITICA e a organização esteve a cargo do Município, em particular pela Biblioteca Municipal. O objetivo que subjaz a este concurso é o da promoção da leitura, mormente da capacidade leitora, na medida em que o seu enfoque se centra na interpretação e compreensão dos livros escolhidos para cada fase do concurso.

Numa época em que os meios de informação e comunicação tendem a afastar os jovens dos livros no seu formato original, este tipo de concurso acaba por ser uma excelente opção para os voltar a reaproximar dos bons hábitos da leitura. Efetivamente, reveste-se de suma importância que não se deixe que os livros passem a ser tratados como peças de museu ou, no extremo, como algo a que se é completamente adverso. A tecnologia há de continuar a avançar mas os livros nunca vão perder a sua magia, permitindo viajar no tempo e no espaço, sonhar, enriquecer-se culturalmente.

Os participantes nesta final tiveram oportunidade de conhecer

algum do património histórico e edificado na sede do concelho, o qual lhes foi facultado através de visitas guiadas.

Já no auditório do CITICA, num palco decorado com muito gosto, ocorreram momentos de grande qualidade artística, por um grupo de alunos do Agrupamento de Escolas de Carrazeda de Ansiães, que integram a banda Filarmónica Vilarinhense e que executaram algumas peças musicais em instrumentos de sopro.

A apresentação e animação do concurso esteve a cargo de Jorge Serafim que criou um ambiente de boa disposição e contribuiu para que o concurso fosse recheado com uma participação muito positiva.

Este concurso tem como promotor a Comissão Organizadora do Plano Nacional de Leitura e o apoio da RTP, da Direção Geral do Livro, dos Arquivos e das Bibliotecas e da Rede de Bibliotecas Escolares e foi composto por uma prova escrita e uma prova oral aplicadas a alunos do 3º Ciclo e do Ensino Secundário.

Deste evento há a destacar a forma exemplar como o mesmo foi organizado mostrando que Carrazeda de Ansiães, personificada nas suas gentes, sabe receber.



Homenagem

Américo Joaquim Ribeiro

Fernanda Natália



Dia 26 de Abril no auditório do CITICA, foi feita uma homenagem a Américo Ribeiro, figura emblemática do concelho de Carrazeda de Ansiães. Passaram pelo seu palco várias pessoas que com ele conviveram e que deixaram os seus testemunhos, quase sempre, emocionados.

Américo Ribeiro nasceu no dia 25 de maio de 1929 em Marzagão. Em 1931 emigrou com os seus pais e irmão para a região da Aquitânia em França. Frequentou a Escola Maternal e um Colégio em Bordéus especialmente vocacionado para crianças invisuais, na medida em que um ataque de meningite lhe afetara a visão. Aqui, através do sistema Braille concluiu o ensino primário e aprendeu a tocar piano. O início da II Guerra Mundial, em 1939, ditou o regresso da família a Portugal e a Carrazeda de Ansiães.

Já adolescente, começou a tocar no órgão da igreja, acompanhando as missas dominicais e festas e, fê-lo até ao fim da sua vida.

Tocava vários instrumentos, nomeadamente: acordeão, piano, viola, guitarra, gaita e foles e era dotado de uma voz inconfundível.

Em 1953 representando o distrito de Bragança, foi finalista no concurso "À procura de uma estrela", o qual era promovido por uma emissora de rádio num programa de Igrejas Caeiro.

A sua vida andou sempre ligada à música, ora como instrumentista, ora como intérprete, destacando-se no denominado Fado de Coimbra, cujas interpretações não deixavam emocionalmente indiferentes a quem o escutava.

Américo Ribeiro faleceu no dia 13 de dezembro de 2004, dia de Santa Luzia, padroeira dos invisuais.



Páscoa

Páscoa em Pombal de Ansiões

Catarina Lima

Após um longo período de Quaresma, marcado pelo recolhimento e pela imposição de prescindir de muitas das coisas que fazem o nosso dia a dia noutros períodos do ano, eis que chega o dia de Páscoa, uma festa com raízes muito profundas na nossa região e no Pombal, em particular.

Antecipadamente, foram sendo preparadas as iguarias que vão ser servidas na farta refeição da Páscoa, incluindo os tradicionais folares, doces e de carne.

Da tradição, faz também parte, a participação na Eucaristia, que nesta quadra se reveste de importância acrescida, a que normalmente se segue a visita pascal.

A visita pascal marca uma tradição já muito antiga no Pombal. A Santa Cruz, acompanhada de perto por um séquito que vai crescendo de casa em casa, vai visitando todas as habitações e famílias que o desejam e que demonstram, através do sinal inequívoco da porta aberta, a vontade de a receber e a todos que a acompanham.

Ao longo do percurso pela aldeia, o qual tem vindo a ser cada vez mais curto e cada vez mais rápido, cada família procura recebê-la o melhor que sabe e pode, com alegria e simplicidade mas também com a fartura e bem receber que nos caracterizam. Todos entram e todos são bem vindos!

A festa da Páscoa representa um momento dedicado ao regresso ao Pombal de todos aqueles que, por uma razão ou por outra, em dado momento se afastaram. Representa a oportunidade de voltar a ver os amigos, pôr a conversa em dia e deixar que o contacto com eles alivie as saudades que já são muitas.

A juventude usa a oportunidade de extravasar a sua alegria, irreverência, excesso, por vezes, fazendo deste dia, também o seu dia. Um dia que se prolonga pela noite e que termina, muitas vezes, de forma inesperada.





Ao Leandro

Vitor Paulo Azevedo Lima

A notícia apanhou-me com um potente baque, um estrondo comparável à sua enorme figura, caindo com fragor.

“Morreu o Leandro”.

Durante algum tempo, a notícia parecia irreal.

Não podia ser!

Aquele homem enorme não estava destinado a morrer. Pendurado no seu cachimbo fumegante, espalhando cinza e odor, imagem de velho lobo do mar, o seu destino era perdurar como o fio azul do tabaco.

E de repente, mais uma vez: “Morreu o Leandro”!

Desta vez sim, um poderoso martelo abateu-se sobre a minha cabeça e trouxe-me à realidade. A pouco e pouco, esta foi-se impondo, fazendo-me despertar de um irreal pesadelo, afinal previsível, afinal esperado.

A Vida, caminha naturalmente para a Morte e o Leandro (do) Vale tinha acabado de fazer o seu caminho. Tinha acabado de apanhar a barca, sem sequer avisar.

Ainda na véspera, alguém me perguntara por ele e eu mal tinha podido referir um lugar onde a sua figura tivesse pairado pela última vez.

Como as coisas são! Parece que o Destino se quis rir de mim.

Sim, porque quis o Destino que um dia, já longínquo, os nossos caminhos, antes tão paralelos, se tivessem tornado oblíquos, por motivos que não vêm ao caso. Não procurámos razões, não as debatemos sequer. Apenas seguimos caminhos diferentes, com mágoa, mas sem rancor, com tristeza, sem mal querer.

Fui acompanhando à distância as suas atividades e de quando em vez, algumas me iam chegando ao conhecimento. Continuou ativo, igual a si próprio. Ultimamente, as notícias foram rareando, até se tornarem em quase nenhuma.

Por isso, quando confrontado com esta notícia fiquei confuso e indeciso, sem ter certezas sobre o que fazer. Nos últimos tempos, tenho limitado intencionalmente a minha participação escrita, só quebrada por um ou outro texto ocasional, sempre que a situação o justificou.

Daí a pergunta se justificar: Escrevo?, não escrevo?

E qualquer que fosse a minha atitude, tinha dúvidas sobre a forma como poderia ser recebida. Afinal, há algum tempo que não nos “dávamos”.

Mas, ainda bem que a emoção se sobrepôs à razão e aqui estou, a dar a cara, por alguém que, como poucos, me faria quebrar esta discrição imposta.

O Leandro foi, queira-se ou não, uma presença marcante na história da ARCPA, na minha história pessoal e naquilo que liga as duas histórias.

Independentemente daquilo que nos desuniu, ficará aquilo que nos uniu e não assumiria nunca o papel de (re)negar o tudo que vivemos e fizemos e que frequentemente recordo, com saudade.

Com o seu Teatro (sempre) em Movimento fez do percurso Bragança-Pombal, uma carreira regular, dizendo PRESENTE ! , por pouco mais que a amizade, feita de dar e receber.

Nem sempre tínhamos a mesma opinião sobre uma variedade de assuntos. Mantinha frequentemente as suas fortes convicções, mesmo quando a evidência se esforçava por contrariá-las. Por via delas, da sua firmeza, de antes quebrar que torcer, o seu futuro ficou pelo que poderia ter sido.

No presente, retenho uma imagem de menino em corpo de homem, segurando um passarinho em sua gaiola, defronte de outro homem-menino, uma alegoria que é um hino à ternura, à inocência, à Liberdade.

Uma imagem que vale mais de mil...

Era assim, o Leandro.

Por isso e muito mais, lá no “Céu” dos COMUNISTAS, onde certamente já repousas:

Até sempre, camarada!





Associativismo jovem

Fátima Santos



Numa terra em que os jovens são cada vez menos e a maioria da população cada vez mais idosa, é urgente que se realizem eventos atrativos e diferenciados para os mais jovens, tentar pelo menos que haja um acesso à cultura que não seja apenas comercial. É a partir do conhecimento e da aprendizagem contínua que se vai criar a massa crítica do concelho.

É realidade que existem inúmeras associações desportivas e recreativas, espalhadas um pouco por todas as aldeias, ou sede de freguesias. A questão é que muitas realizam atividades atrativas apenas para as pessoas da própria localidade, quantas vezes não há um baile, um torneio de cartas, do pino, entre outros e os seus participantes são os mais velhos, não há interesse em conviver e aprender com estes. Seria uma forma de transmissão de conhecimento e de preservação de tradições. Para isso era necessário cativar os jovens não só da localidade, mas também os amigos destes e criar sinergias entre os mais velhos

e os mais jovens. Nesse sentido a associação que mais se destaca será a ARCPA, que tenta sempre dinamizar as suas atividades quer com provas de vinho, festival da francesinha ou o FARPA, compete-nos a nós participar e valorizar o esforço dos que tentam marcar pela diferença.

Outro fator importante seria a criação de projetos em comum entre os jovens de maneira a trabalhar em grupo, com objetivos bem definidos, sem individualismos ou rivalidades, de forma a crescer pessoalmente e a tornar o concelho atrativo para outros jovens dos concelhos vizinhos e quiçá de mais longe.

Foi nesse sentido que um grupo de jovens de Carrazeda e não só, se uniram para criar uma associação cultural, de seu nome “Bota Pra Carrazeda”, e porquê este nome?! Apenas porque se pegou num episódio que aconteceu com os Zíngaros há muitos anos, na aldeia de Muxagata em Foz Côa. Num dia de sol abrasador e após a atuação com muita sede, alguém disse: “bota pros de Carrazeda”.

Assim nasce a vontade de acrescentar algo novo ao circuito cultural do concelho, primeiro com a realização do Festival Rock D’Ouro a realizar-se na Sr^a. da Ribeira, no ano passado e este ano a 22 de agosto, com um género musical “sui generis”, o rock psicadélico. Mais recentemente inaugurou-se a exposição fotográfica de seu título: “Carrazeda no Passado”, que estará patente até ao dia 17 de maio no Cítrica, em Carrazeda de Ansiães. A qual estão todos convidados a visitar.

Será este um exemplo de associativismo jovem em prol da cultura para todos, os jovens, os idosos e as crianças, no sentido em que qualquer um, mesmo não conhecendo as bandas ou sequer o género musical, poderá ir à aventura de uma nova descoberta até ao Rock D’Ouro, ou ir conhecer mais da identidade de ser carrazedense na exposição fotográfica.

Vamos valorizar e acrescentar valor à nossa terra, às nossas raízes.



Carransiões

Há uma ideia dentro de mim

Manuel Pinto



O Joaquim vivia contente e em cada dia, em cada momento, que podia ter como companhia o seu neto, a felicidade era completa. Pois a vida tinha sido generosa e ainda havia a esperança de viver, porque o peso dos anos ainda não vencia a vontade de lutar, graças a Deus.

Joaquim, quando a Primavera chegava, era dos primeiros a tratar da horta. Com carinho, abria os sulcos e colocava as couves, o cebolo, as tomateiras, os pimentos, e ao lado já as faveiras tinham flor e a promessa de bons frutos. Ao olhar para esta fortuna que a Natureza oferecia generosamente, um dia, o neto perguntou: -Avô, quem é que vai comer tantas ervilhas e até batatas que com carinho, tu semeias?

Boa pergunta, respondeu o Joaquim, e disse: -Olha, meu filho, eu gosto de trabalhar, de fazer algum coisa e ao semear, plantar, cuidar das plantas, sinto-me bem e a mãe Na-

tureza ajuda e o resultado é bom. Mas se há produção que chega para alimentar a nossa família, oferecer aos amigos e ainda sobra para poder vender ou alimentar os animais, o cãode que tanto gostas, e os outros animais, que são nossos amigos. As galinhas, os perus, os porcos, etc.etc... Os filhos compreenderam finalmente aquela teimosia do pai em comprar a semente das batatas a um preço alto e, mais tarde, não vender porque o preço era muito baixo. Economia caseira, que é fazer seguir os produtos directamente do produtor ao consumidor, por exemplo, as hortaliças, a carne e o leite, tudo estava ali à mão. Até as flores do jardim, sorriam em cada manhã ao doce beijo das abelhas.

Clara, menina da cidade, que namora o Pedro, neto do Joaquim, está eufórica e grit: -Isto sim é vida, ar puro, silêncio, o som dos aviões seguindo a sua rota... O zumbido do trabalho das abelhas, o perfume das flores

tudo convida a sonhar....

O tio Joaquim assim conhecido na aldeia, era um homem justo, teimava em seguir aquela ideia de ser autónomo. Não queria ir ao Supermercado da vila, a loja da aldeia já tinha encerrado e para ele o bom era plantar, cultivar e colher os frutos que com trabalho a terra produzia.

Orgulhosamente, quando no Verão fazia a sua festa de aniversário dizia aos amigos e à família: -O pão, o vinho, as batatas e o peru, que estamos a comer, são caseiros, são cá da casa e como disse o enorme poeta algarvio António Aleixo: - A ninguém faltava o pão/ Se este dever se cumprisse/ ganharmos em relação/ Com o que se produzisse.

Amigos, continuem à espera da chuva, que ainda háde vir e como está na hora de aproveitar o Sol e o calor que nos oferece, sorriam e façam por ser felizes, até à próxima.



Aceno de Paris

Velasquez, o pintor dos pintores

Matilde Teixeira



Velazquez, o pintor dos pintores.

A vida cultural parisiense, nesta primavera um pouco gélida de 2015, tem um convidado de marca que se instalou no mais prestigiado espaço de exposições temporárias da capital francesa, o “Grand Palais”.

Um lugar à altura do pintor cortesão, homem habituado a frequentar palácios e a trabalhar na intimidade dos grandes do mundo.

Nada menos que Diego Rodriguez de Silva e Velazquez, pintor de Sua Majestade o rei Filipe IV, o rei-planeta, senhor de vasto império que incluía até o de Portugal, se bem se lembram...

Diego nasceu em Sevilha no último ano do século XVI, de pai de origem portuguesa, como o apelido Rodriguez de Silva in-

dica, e de mãe andaluza. Desde muito cedo manifestou talento raro para o desenho e o pai, notário eclesiástico, decidiu colocá-lo aos

11 anos em aprendizagem na oficina de um conceituado pintor da cidade.

O seu mestre, Francisco Pacheco, não sendo um pintor de grande talento, soube no entanto descobrir e incentivar os dotes do aluno que rapidamente se impôs na cosmopolita e riquíssima cidade de Sevilha onde o movimento renascentista peninsular desabrochava e se afirmava na época. Sevilha, populosa cidade portuária, porta de comunicação com o Novo Mundo, era considerada a Nova Roma pelo prestígio das seu poderoso clero e pelo culto das artes que aí vigorava. Na oficina do seu mestre, espe-



cializada na pintura de esculturas religiosas, o jovem Diego adquiriu uma sólida formação técnica e frequentou a elite intelectual que Pacheco reunia em tertúlias literárias e artísticas, que lhe terão dado o gosto da reflexão e em muito terão contribuído para a sua formação cultural.

As obras de juventude, alguns quadros religiosos para conventos e igrejas, que, em plena contra-reforma renovavam e enriqueciam a sua decoração, mostram uma sensibilidade e um tratamento da cor já muito originais.

Mas são sobretudo as cenas de taberna e de cozinha, com sentido moral, os chamados “bodegones”, em espanhol, e cuja costumada tradução por “natureza morta” não é satisfatória, que o tornaram rapidamente conhecido pois surpreendem pelo realismo dos objectos expostos, pela presença forte das personagens pintadas ao vivo em cenas banais da vida de pessoas humildes centradas nos afazeres rotineiros do quotidiano.

Estes quadros foram tão apreciados na época que existem várias versões da mesma compo-

sição que os colecionadores se disputavam. Cópias nem sempre atribuídas, pelo menos na totalidade, à mão do mestre pois era comum, na época, o trabalho de vários aprendizes da oficina na mesma encomenda.

Ainda hoje, na era da fotografia e das imagens realistas que saturam o nosso olhar e o habituaram à precisão do pormenor, não podemos deixar de nos impressionar pelo virtuosismo de um dos mais célebres quadros dessa primeira época sevilhana do pintor, “El aguador”, o aguadeiro, jóia de museu londrino que não fez a viagem para a exposição de Paris.

Um homem idoso de perfil, com o cansaço estampado em cada ruga do rosto, vai encher de água o copo de vidro que lhe estende, concentrado no gesto, um miúdo. A cena assume tal intensidade que quando a olhamos ficamos a pensar num santo ou num profeta que participa num ritual. Cada pormenor se impõe a nós, espectadores, apenas separados da cena pela bilha bojudada que sai do quadro e de onde ainda escorrem fios de água que terminam em gotas brilhantes. E sentimos a frescura do barro da



bilha e da água que passará para o belo copo de vidro onde vemos um figo (parece que era costume para tornar a água mais saborosa!). Uma obra-prima do jovem pintor.

Velasquez, dotado de grande ambição e consciente do seu valor como artista, e também incentivado por Pacheco de quem, entretanto, se tornara genro, desloca-se a Madrid e consegue entrar aos 24 anos ao serviço do também jovem rei. São célebres os retratos da família real a quem, apesar do rígido protocolo em vigor na corte madrilenha, o pintor consegue dar uma naturalidade muito humana

e de grande veracidade psicológica. São muitos os retratos de Filipe IV e das duas rainhas que desposou e dos príncipes que vão nascendo, e cuja evolução vamos acompanhando, obras-primas do género, que ficaram para a posteridade, embora muitos quadros se tenham perdido no grande incêndio do Palácio Real, El Alcazar de Madrid. Além da família real e dos nobres, Velasquez pintou os seus bobos, anões e actores, as “gentes de prazer” que os serviam na corte, como distração, com o mesmo talento, o mesmo rigor e brio mas com mais liberdade artística.

Velazquez cultivou com a mesma perícia e arte todos os géneros da grande pintura, a pintura de história, a pintura de devoção, a cena mitológica, a paisagem, o nu, mas é no retrato que melhor revela o seu talento e faz evoluir a sua arte, indo muito longe na pesquisa de soluções a nível da composição e da técnica pictural, e dando uma profundidade psicológica, uma presença inigualável aos retratados. Grandes pintores do século XX, Pablo Picasso, Francis Bacon, entre os mais célebres, demonstraram a sua admiração revisitando a obra do mestre sevillhano, particularmente os mais célebres retratos.

Na sala da exposição do Grand Palais ninguém fica indiferente à força expressiva do retrato do Papa Inocêncio X, realizado aquando da segunda viagem a Itália ao serviço de Filipe IV, uma sinfonia de vermelhos, magenta e púrpura, e brancos que surpreende pela ousadia da cor e pela força de carácter que emana da personalidade. Noutra sala é o fresco rosto infantil da princesa Margarida, tratado com a maior delicadeza e emoldurado pelos finos cabelos loiros da infância, que nos contempla com um olhar por onde perpassa uma leve tristeza e, na pose solene ampliada pelo pesado vestido de veludo azul, a plena consciência do seu estatuto de infanta de Espanha.

A obra de Velazquez fascina também pela forma livre da sua pincelada de artista superdotado

que atacava directamente a tela sem desenho preparatório, num gesto ágil e seguro que em dois traços evoca uma mão, uma gola de folhos, a transparência de um véu...

Velazquez, que pintou relativamente pouco pois os seus cargos na corte exigiam tempo e energia, não deixou escola, embora alguns pintores, os chamados “velazqueños” tenham bem aproveitado a sua lição. Foi preciso que Goya no século seguinte o tenha tirado do esquecimento e sobretudo que Manet, que lhe dedicou um verdadeiro culto e lhe chamou “le peintre des peintres” (o pintor dos pintores), o tenha revelado para que a sua obra passasse a ser universalmente reconhecida e as suas descobertas consideradas a grande porta aberta às inovações do século XIX, que conduziram à pintura moderna.

No museu do Prado em Madrid, que conserva obviamente o maior acervo de obras do pintor, encontra-se o mais célebre dos seus quadros, “Las Meninas” (sim, em português, a palavra designa as aias), quadro cujo mistério tem feito correr rios de tinta. A visita da exposição do Grand Palais necessitaria uma outra ao Prado para uma visão mais completa da obra deste extraordinário pintor.

Quem quiser saber mais pode sempre pesquisar na net...



Notícias da Capital

Os Tuk Tuk

Susana Bento



Queridos leitores: depois de um pequeno interregno de um ano, regressa a vontade de escrever de novo para “O Pombal”. Desculpem se sentiram a minha falta, mas outros afazeres me ocuparam: a partir de Junho’14, a minha grande viagem de regresso da Áustria a Portugal começou a ganhar forma e a ocupar os meus dias. Nesse fecho de ciclo voltei a dançar em público, com um trio com mais duas colegas, o que me deixou muito grata – entrar bailarina e sair bailando! Nada como fechar um ciclo de forma consequente. Aliás, a “despedida” foi ainda mais completa: além da minha dança, Linz pôde disfrutar ainda de um concerto final de canto lírico, a solo com uma pianista amiga, concerto que levámos depois à Lituânia em Ju-

lho e a Lisboa em Setembro, na bela Sala dos Espelhos do Palácio Foz a minha estreia como solista meio-soprano no país.

Ora, aqui está uma bom mote para vos conduzir ao meu objectivo hoje: falar-vos da capital. Foi precisamente por regressar a Lisboa que me ocorreu escrever sobre a capital portuguesa. Ao fim de quase dez anos, revejo a cidade com olhos de quem a conhece, mas não a conhece de todo. Às vezes dou por mim a pensar numa estratégia de readaptação... que poderia ser bom planear de forma precisa os meus trajectos na cidade ou os horários, ou o tempo de deslocamento entre um ponto de partida e um ponto de chegada. Já me aconteceu estar na praça do Saldanha depois de uma visita à prima Sarinha (neta

de Elisa Azevedo), que nasceu na maternidade Alfredo da Costa, voltar depois da minha visita à entrada do metro e decidir, ao invés, ir de volta de autocarro. Era domingo e eu queria ver um pouco da cidade, em tom de passeio pela capital. Por isso fui-me pôr à espreita na paragem, observando quais os autocarros a passar daí a nada e se me serviriam. Ao chegar o meu autocarro, à cautela questionei o motorista: “boa noite, este autocarro vai para os Restauradores?” e agora é que vem a minha dor... o motorista respondeu prontamente, “sim, é este que passa aos Restauradores, mas vai primeiro ao terminal, tem que apanhar o do outro sentido, ali do outro lado”. Bem, lá deixei o motorista arrancar e olhei por fim a praça à minha volta, pondo a mão na testa de desconsolo. De facto eu estava no sentido da Avenida da República em vez de me dirigir ao Marquês de Pombal como queria. Ufa, caiu-me o “primeiro queixo”.

Em breve me “caíriam” alguns mais aqui e ali mas hoje, com esta fotografia feita por mim na Praça da Figueira, quero comentar uma coisa.

Os tuk-tuc chegaram à capital!

Os tuk-tuc chegaram a capital e eu fiquei de boca aberta. Mais se abriu a minha boca quando, ao estudar o assunto, reparei que a primeira cidade a ter os tuk-tuc em Portugal foi a minha, a cidade de Coimbra. Preciso de vos apresentar primeiro este meio de transporte: o tuk-tuc é um veículo de três rodas (um triciclo) que, na sua origem foi pensado para facilitar o transporte das famílias e suas mercadorias, passando mais tarde a usar-se ainda em serviço de táxi ou transporte turístico. Embora as origens deste transporte não sejam ainda claras e consensuais, o Japão é considerado o país de origem do

triciclo (“rickshaw” - do japonês “jinrikisha” ou seja, carro movido a força humana), por altura de 1869. Sabe-se que partiu do Japão a introdução por exportação destes veículos na Tailândia a partir de 1934 e que houve até um ministro japonês que ofereceu 20.000 tuk-tucs usados a este país. A designação “tuk-tuc” é hoje uma das mais populares e adoptadas e vem precisamente do tailandês. Entretanto, no caso do Japão, este transporte caiu em desuso a meio da década de 60, mas a partir de 1985 afirmou-se novamente; hoje em dia está também presente com modelos eléctricos. Já na Europa, no ano de 1947, o italiano Corradino D’Ascanio, o criador da Vespa Piaggio, teve depois a ideia de lançar um modelo prático e leve, de três rodas, para impulsionar o crescimento económico da Itália no pós-guerra. Assim nasceu o modelo europeu que permitiu a condução a muita gente e o transporte das suas mercadorias de trabalho ou até de pessoas, no caso de servir de táxi como já referido.

Os seus modelos variam muito de região para região, sendo possível identificar diferenças entre o modelo usado em África e Médio Oriente (África Oriental, Egipto, Gaza, Líbano, Madagáscar, Nigéria, África do Sul e Sudão), na Ásia (Bangladesh, Camboja, China, Japão, Índia, Indonésia, Laos, Nepal, Paquistão, Filipinas, Sri Lanka, Tailândia e Vietnam), na Europa (França, Itália, Holanda, Portugal, Suíça, Alemanha, República Checa, Noruega e Reino Unido), na América Central (El Salvador, Guatemala, Honduras e Nicarágua), nas Caraíbas (Cuba), na América do Sul (Equador, Peru e Brasil), na América do Norte (EUA) e Oceânia (Austrália e Nova Zelândia).

Esta expansão do tuk-tuc tem, porém, muito que se lhe diga,



pois a maioria funciona a gasolina e causa graves consequências por poluição. No Vietnã, por exemplo, 16.000 pessoas morrem por ano por causa da poluição do ar. Alternativas eléctricas foram-se desenvolvendo, de forma a contornar este problema. Foi na Índia, na NARI – Nimbar Agricultural Research Institute, que surgiu a primeira intenção de criar um modelo de tuk-tuc eléctrico, em 1990. Este tipo de tuk-tuc foi largamente acolhido pelos indianos, tornando-se muito popular em 2011, combinando-se com ele, por vezes, um sistema de alimentação a energia solar. No entanto é na China que a manufacturação de e-rickshaws

(designação internacional para tuk-tuks eléctricos) é mais acenhuada, tendo em conta a alta mão de obra a baixo custo. Igualmente concorrente tem sido, como era de prever, o Japão, primando na sua tecnologia e na qualidade dos materiais usados. O e-rickshaw solar é também deveras popular nas terras nipónicas.

Pois é... Os tuk-tuc chegaram à capital e eu fiquei de boca aberta. Resta-me o desabafo! É que, na minha opinião, estão presentes em demasiado número, destoam na paisagem, ou seja, descaracterizam Lisboa como que infiltrados fossem, não bem pertencentes à nossa cultura; são extremamente ruidosos (há dias,

quando eu mais apreciava subir a rua da Sé Velha, observando as cores, as ruelas perpendiculares à subida, o eléctrico que passava e, esse sim, é tipicamente nosso, os rumores do bairro, os cheiros, eis que lá vinha mais um tuk-tuc... eram uns atrás dos outros, num desenfreado ruído e libertando um cheirete a motor atrás deles que nem vos conto!), para não falar na ocupação que fazem dos não-propriadamente-estacionamentos e alguns cruzamentos no próprio passeio, em tom de quiosque de divulgação e informação geral. Se ao menos fossem todos alimentados a energia eléctrica ou solar (o que seria de esperar e seria bem mais adequado

a Portugal) ainda se compreendia. O que mais me impressionou nesta nova abordagem ao turismo foi uma caída na ratoeira da “moda dos tuk-tuc”, sem sequer as câmaras que os permitem pararem um momento para pensar se aquele é um elemento tipicamente português a que se deve fazer jus ou se, pelo contrário, é um transporte que tendo alguma piada, não passa de uma importação sem tradição no nosso país, pelo menos no campo do turismo... Aqui abro a discussão, para que pensem por vós mesmos.



Exposição de Fotografia

O regresso ao passado de Carrazeda de Ansiães

Fernanda Natália

A Associação Bota Pra Carrazeda reuniu meia centena de fotografias que retratam Carrazeda de Ansiães num passado mais distante ou mais próximo e organizou uma exposição de fotografia que foi inaugurada no dia 16 de Abril no CITICA e que permanecerá até ao dia 17 de maio.

Este foi o meio encontrado pelos membros daquela Associação para permitir a alguns para reverem cenários que lhes foram familiares e a outros para dar a conhecer uma realidade que lhes era totalmente desconhecida.

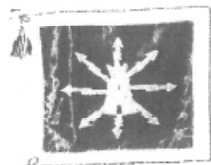
Na exposição havia uma vasta representação de Carrazeda de Ansiães em termos temporais, recuando, inclusive, aos anos 20 do século passado.

Merecem destaque: as fotografias do primeiro carro que apareceu no concelho, dos membros das bandas musicais, de eventos ocorridos em pleno regime do Estado Novo, dos ambientes concorridos nos dias de feira na Praça D. Lopo e no Toural.

Outro dos aspetos a realçar é o da possibilidade que esta exposição permitiu de perceber como houve, de facto, evolução em Carrazeda de Ansiães, registada nas fotografias que ilustravam o edifício dos antigos Paços do Concelho, depois aproveitado para cadeia e que ainda foi utilizado como edifício escolar, acolhendo os alunos nos anos letivos entre 1975 e 1977 e onde hoje se encontra a Biblioteca Municipal.

Uma viagem no tempo que fez aflorar memórias e que deixou alguns visitantes admirados pelas diferenças encontradas em comparação com a realidade atual. Para além disso, tratou-se de um modo de homenagear a arte de fotografar numa época em que lidar com esta arte ainda estava ao alcance de apenas alguns eleitos.





BAT. TRANSMISSÕES 361
BAT. TRANSMISSÕES 1
AGR. TRANSMISSÕES ANGOLA



Luanda - Angola

"CUMPRIMOS COM HONRA E ORGULHO A NOSSA MISSÃO"

Exm^{as}. Senhores

Assunto: Convívio de Ex-Militares

Os ex-militares da Arma de Transmissões (BTm 361- BTm 1 e ATmA) que estiveram sediados em Luanda- Angola, de 1962 até 1975, vão realizar no dia 14 de Junho p.f. , em Rio Tinto-Gondomar, o seu 24º Encontro/Convívio.

Solicitamos e muito agradecemos a publicação deste nosso encontro no jornal que V.Ex.^a dignamente dirigem, pedindo que seja destacado que as inscrições para o referido convívio, deverão ser feitas impreterivelmente até ao dia 7 de Junho, contactando para o efeito com Luís Meireles (224881059 ou 917134717).

Apresentamos os nossos melhores cumprimentos.

Jornal "O Pombal" n.º 220 de 30 de abril de 2015



Conservatória dos Registos Civil, Predial e Comercial de Carrazeda de Ansiães
(CERTIDÃO)

Certifico, para fins de publicação, nos termos do art.º 100º do código do notariado, que por escritura de justificação notarial, outorgada neste cartório notarial, em 29/04/2015, lavrada a partir de noventa e nove do respetivo livro de notas número setenta e oito C, Rosa Maria Vieira Mórias, NIF 180 096 583, solteira, maior, natural da freguesia de Vilarinho da Castanheira, concelho de Carrazeda de Ansiães, residente na Rua Damião de Gois, 3º esquerdo frente, n.º 84, Rio Tinto, declarou:

Que, com exclusão de outrem é legítima possuidora de um prédio urbano composto de uma casa do um piso, com a superfície coberta de cinquenta e dois metros quadrados e a área descoberta de três metros quadrados, sito na Rua do Castelo, freguesia de Vilarinho da Castanheira, concelho de Carrazeda de Ansiães, a confrontar a norte e poente com rua pública, a nascente com passagem pública e a sul com Carlos Augusto Aguiar, ainda não descrito na Conservatória do Registo Predial de Carrazeda de Ansiães, inscrito na respetiva matriz sob o artigo 1151, com o valor patrimonial de €1980,00, igual ao que lhe atribui.

Que, entrou na posse do indicado prédio, por doação verbal, por Arlindo dos Anjos Barbosa Moras e mulher Mabélia da Purificação Vieira, que foram casados entre si na comunhão geral e residentes no dito Vilarinho da Castanheira, já falecidos, doação essa feita em dia o mês que não sabe precisar no ano de mil novecentos e noventa e três, e que nunca foi reduzida a escritura pública.

Que, deste modo não possui título formal que lhe permita registar na aludida Conservatória do Registo Predial o identificado imóvel, todavia, desde o citado ano, data em que se operou a tradição material

do mesmo ela justificante, já possui, em nome e interesse próprios, o prédio em causa, tendo sempre sobre ele praticado todos os atos materiais de conservação, uso e aproveitamento, tais como, fazendo as necessárias obras de limpeza e conservação, a expensas suas, desde então utilizando-o como casa de arrumos, cuidando-o, nele guardando os seus haveres e demais pertences, aproveitando, assim, dele todas as suas correspondentes utilidades e pagando todas as contribuições e impostos por ele devidos, agindo sempre como sua proprietária, quer na sua fruição, quer no suporte dos seus encargos, tudo isso realizado a vista do toda a gente, sem qualquer ocultação, de forma continuada, ostensiva e ininterrupta desde o seu início, sem qualquer oposição ou obstáculo de quem quer que seja e sempre no convencimento de o fazer em coisa própria, tendo, assim, mantido e exercido sobre o identificado prédio, durante mais de vinte anos e com o conhecimento da generalidade das pessoas vizinhas, uma posse pública, pacífica continua e em nome próprio, pelo que adquiriu o citado prédio por usucapião, que expressamente invoca para justificar o seu direito de propriedade para fins de primeira inscrição no registo predial, direito esse que pela sua própria natureza não pode ser comprovado por qualquer título formal extrajudicial.

Extraí a presente certidão do teor parcial que vai conforme o seu original, e na parte omitida nada há em contrário que amplie, restrinja, modifique ou condicione a parte transcrita.

29.04.2015.

A Conservadora, Ana Paula Pinto Filipe da Costa

Especialidades da Casa:

Carnes:

Veado, Jaculi, Coelho Bravo, Perdiz e Arroz de Lebre

Peixes:

Polvo, Bacalhau, Enguias, e Peixinhos do Nosso Rio

Agência: TOTOBOLA - TOTOLOTO

ESPLANADAS DE LAZER

E PAISAGENS ESPECTACULARES



Restaurante
CALÇA CURTA

Telef. 278 685 255
5145-133 TUA

CONTACTOS ÚTEIS

Carrazeda de Ansiães

Câmara Municipal:

Telef. 278 610 200 Fax. 278 616 404

Bombeiros Voluntários:

Telef. 278 616 104 Fax. 278 615 186

Guarda N. Republicana:

Telef. 278 610 020

Centro de Saúde (Urgência):

Telef. 278 610 050 Fax. 278 616 706

Sta Casa da Misericórdia (Lar de Idosos):

Telef. 278 616 747 Fax. 278 616 748

Águas de Carrazeda(Serviços de Águas e Saneamento):

Telef. 278 617 736

Farmácia Rainha:

Telef. 278 616 250

Farmácia Veiga:

Telef. 278 617 119

Caminhos de Ferro (Estação de Tua):

Telef. 278 685 177

Direcção Regional de Agricultura:

Telef. 278 616 361

Escola de Condução:

Telef. 278 616 278

Escola E-B-2,3 (Escola Secundária):

Telef. 278 618 190 Fax. 278 618 198

Centro Regional de S. Social:

Telef. 278 616 147 Fax. 278 616 251

Conservatória Predial e Civil:

Telef. 278 616 164 Fax. 278 615 327

Cartório Notarial:

Telef. 278 616 141

Serviço de Finanças:

Telef. 278 616 236

Tesouraria da Fazenda Pública:

Telef. 278 616 461

Centro Social e Paroquial de Pombal (Lar de Idosos):

Telef. 278 669 315

SERRALHARIA A NOVA
De: Albino Augusto Carvalho
FERRO E ALUMÍNIO

Zona Industrial, Lote 6 * Tel/Fax 278 615 268
Tels: 917 601 847 * 9140-105 CARRAZEDA DE ANSIÃES

O NOVO
TALHO NOVO



talhonovo@hotmail.com
Carrazeda de Ansiães



Tento na Língua

A "canalha do século XXI"

Patricia Pinto



Aqui há dias apercebi-me de forma muito espontânea de que eu e outros como eu somos vistos como a canalha do século XXI.

Mas que espécie de canalha é afinal a deste século que referimos? Passo a explicar...

A canalha do século XXI luta com afinco e zelo por novas oportunidades de trabalho, tanto em Portugal como no estrangeiro. Cresceu nos anos 90 e lembra-se do bom que era o pacote de Sugus que nos era dado 2 ou 3 vezes por ano (com sorte). Havia também a raridade de os pais nos comprarem sumos, algo que acontecia maioritariamente nas visitas de estudo da escola em que as mães com muito custo nos colocavam na bolsinha do lanche dois pacotinhos de "um bongo". Que delícia...só pelos mimosinhos do lanche a visita já valia a pena.

Estas canalhas são do tempo em que ainda se faziam trabalhos à mão e não tinham internet para se distraírem. É malta que sabe o que é uma horta porque os pais os levavam para o campo ao final do dia ou ao fim-de-semana para os ajudar ou pelo menos ver como é que se fazia. Estudava-se com vontade porque discretamente tínhamos o sonho de ir para a universidade (um sonho que parecia impossível por questões financeiras). Íamos à missa em crianças porque o senhor padre nos dava rebuscados no final da mesma e íamos em adolescentes porque gostávamos de ser acólitos. E as festas de verão da aldeia? Essas não poderiam deixar de ser mencionadas aqui. Era o local ideal para mostrar a roupa nova que a família imigrada no estrangeiro nos trazia e assim exibir já um

pouco do egoísmo tão característico de todos os seres humanos.

Esta colheita fica no meio-termo da antiguidade e da modernidade de hoje. Sabemos as vantagens da internet, trabalhamos com ela, não vivemos sem ela, de facto. Mas, também sabemos brincar com os primos mais novos de forma "pré-histórica" dando-lhe a conhecer a diversão do jogo do stop ou do jogo do elástico.

Esta canalha (intenção depreciativa) conseguiu estudar, é responsável pela inovação do país, pelos avanços da ciência e pela continuidade de um regime democrático. E por falar em democracia, a canalha que nem pense em meter-se nas políticas locais, é exterminado como o foi Hiroshima e Nagasáqui.

E depois fala-se por aí: ah, as al-

deias estão desertas, ah, trás-os-montes só tem idosos, ah, não há jovens....pois, agora pensem se não serão estas personagens parasitas da sociedade que os afastam. Por bastante resistentes que sejamos ninguém aguenta tanta falta de educação e bom senso daqueles que deveriam ser exemplos a seguir e repudiam os novos sem saberem do mal que estão a fazer a eles próprios.

Ricos sem cérebro, bem feitores sem educação e senhores feudais sem moral. É assim que vai este país e nós os "canalha" lá vamos embora porque não há como lidar com tanta ignorância embrulhada em arrogância e, de forma inteligente, abandonamos a procissão rezando para que a fé se salve e a igreja fique intacta.;

Jornal “O Pombal” n.º 220 de 30 de abril de 2015		
<div><div></div><div>Conservatória dos Registos Civil, Predial e Comercial de Carrazeda de Ansiães</div></div>		
CERTIDÃO		
Certifico, para fins de publicação, nos termos do artº. 100º do código do notariado, que por escritura de justificação notarial, outorgada neste cartório notarial, em 09/04/2015, lavrada a partir de quarenta e cinco do respetivo livro de notas numero setenta e oito C, José do Nascimento Gonçalves, NIF 128 318 317, e mulher Maria Emilia do Val, NIF 128 318 309, casados sob o regime da comunhão geral, naturais da freguesia de Pinhal do Norte, concelho de Carrazeda de Ansiães, onde residem na Rua do Rossio, declararam:		
Que, entraram na posse dos prédios:		
IMOVEIS SITOS NO CONCELHO DE CARRAZEDA DE ANSIÃES		
Freguesia de Pinhal do Norte		
Verba n.º 1		
Quota-parte: 1/5		
Natureza: rústica		
Composição: terra de centeio, videiras, oliveiras e árvores de fruto		
Confinantes: Maria Cândida Barbosa (Norte); Maria Ventura (Sul); Manuel G. Carvalho (Nascente); Maria Ventura (Poente)		
Situação: Cortinha Nova		
Artigo Matricial: 392		
Área: 9000m2		
Valor Patrimonial para efeitos de IMT correspondente a fração: € 196,47		
Descrição predial: não descrito na Conservatória do Registo Predial de Carrazeda de Ansiães		
Comproprietários: herdeiros de José Gonçalves e de Maria Serafina Gonçalves		
Verba n.º 2		
Quota-parte: 2/5		
Natureza: rústica		
Composição: terra de trigo		
Confinantes: Manuel Gonçalves (Norte); João M. Gonçalves (Sul); caminho (Nascente); Manuel Gonçalves (Poente)		
Situação: Chãs		
Artigo Matricial: 448		
Área: 1020m2		
Valor Patrimonial para efeitos de IMT correspondente a fração: € 102,57		
Descrição predial: não descrito na Conservatória do Registo Predial de Carrazeda de Ansiães		
Comproprietários: herdeiros de Manuel Gonçalves		
Verba n.º 3		
Quota-parte: 2/3		
Natureza: Rústica		
Composição: terra de centeio, amendoeiras		
Confinantes: Maria Ventura (Norte); Francisco Cardoso (Sul); Isabel do Vale (Nascente); Isabel do Vale (Poente)		
Situação: Maria Esteves		
Artigo Matricial: 475		
Área: 1050m2		
Valor Patrimonial para efeitos de IMT correspondente a fração: € 94,31		
Descrição predial: Não descrito na Conservatória do Registo Predial de Carrazeda de Ansiães		
Comproprietários: António Manuel Gonçalves Casado com Maria de Fátima Gonçalves, Pinhal do Norte		
Verba n.º 4		
Natureza: rústica		
Composição: terra de horta, fragada de pastagem, touças de castanho bravo		
Confinantes: José L. Vale (Norte); Ana M. Carvalho (Sul); João A. Vale (Nascente); João A. Vale (Poente)		
Situação: Nogueira		
Artigo Matricial: 672		
Área: 2600m2		
Valor Patrimonial para efeitos de IMT: € 103,01		
Descrição predial: Não descrito na Conservatória do Registo Predial de Carrazeda de Ansiães		
Verba n.º 5		
Natureza: Rústica		
Composição: terra de centeio		
Confinantes: José Cordeiro (Norte); Francisco A. Policarpo (Sul); José Maria Sousa (Nascente); José C. Carvalho (Poente)		
Situação: Retorta		
Artigo Matricial: 131		
Área: 3500 m2		
Valor Patrimonial para efeitos de IMT: € 79,58		
Descrição predial: não descrito na Conservatória do Registo Predial de Carrazeda de Ansies		
Verba n.º 6		
Natureza: rústica		
Composição: fragada de pastagem		
Confinantes: José J. Teixeira (Norte); Luís António Vale (Sal); José L. Vale (Mesene); José L. Vale (Poente)		
Situação: Barro		
Artigo Matricial: 150		
Área: 1200m2		
Valor Patrimonial para efeitos de IMT: € 14,59		
Descrição predial: não descrito na Conservatória do Registo Predial de Carrazeda de Ansiães		
Verba n.º 7		
Natureza: rústica		
Composição: terra de centeio, oliveiras		
Confinantes: Manuel Ramires (Norte); Fazenda Nacional (Sul); José Luís Gomes (Nascente); Manuel Ramires (Poente)		
Situação: Souto		
Artigo Matricial: 232		
Área: 1500 m2		
Valor Patrimonial para efeitos de IMT: € 85,33		
Descrição predial: não descrito na Conservatória do Registo Predial de Carrazeda de Ansies		
Verba n.º 8		
Quota-parte: 1/2		
Natureza: Rústica		
Composição: terra de centeio com oliveiras		
Situação: Muro		
Artigo Matricial: 622		
Área: 750m2		
Valor Patrimonial para efeitos de IMT correspondente a fração: € 38,24		
Descrição predial: descrito na Conservatória do Registo Predial de Carrazeda de Ansibes sob o número mil cento e quarenta e cinco, com inscrição de aquisição de 1/2 a favor de Manuel António Ventura e mulher Maria da Conceição do Val conforme apresentação 3070 de 2009/07/01		
Verba n.º 9		
Natureza: Rústica		
Composição: terra de centeio		
Confinantes: Henrique Terreiro (Norte); Elvira G. Carvalho (Sul); António Mesquita Júnio (Nascente); Henrique Terreiro (Poente)		
Situação: Ribeiro da Pia		
Artigo Matricial: 728		
Área: 1600m2		
Valor Patrimonial para efeitos de IMT: € 58,80		
Descrição predial: não descrito na Conservatória do Registo Predial de Carrazeda de Ansies		
Verba n.º 10		
Natureza: Rústica		
Composição: terra de centeio		
Confinantes: Elvira G. Carvalho (Norte); José L. Carvalho (Sul); Henrique Terreiro (Nascente); José L. Vale (Poente)		
Situação: Mausinho		
Artigo Matricial: 749		
Área: 800m2		
Valor Patrimonial para efeitos de IMT: € 26,53		
Descrição predial: não descrito na Conservatória do Registo Predial de Carrazeda de Ansiães		
Verba n.º 11		
Natureza: Rústica		
Composição: fragada de pastagem		
Confinantes: João Abel do Vale (Norte); caminho (Sul); Caminho (Nascente); Maria Teixeira (Poente)		
Situação: Quinchorzinho		
Artigo Matricial: 992		
Área: 2050 rn2		
Valor Patrimonial para efeitos de IMT: € 23,43		
Descrição predial: não descrito na Conservatória do Registo Predial de Carrazeda de Ansiães		
Verba n.º 12		
Natureza: Rústica		
Composição: vinha, árvores de fruto, oliveiras		
Confinantes: Deolinda Teixeira (Norte); Maria Cândida Barbosa (Sul); Maria Cândida Barbosa (Nascente); caminho (Poente)		
Situação: Carvalha		
Artigo Matricial: 1250		
Área: 1750m2		
Valor Patrimonial para efeitos de IMT: € 494,27		
Descrição predial: não descrito na Conservatória do Registo Predial de Carrazeda de Ansiães		
Verba n.º 13		
Natureza: Rústica		
Composição: fragada de pastagem com sobreiros		
Confinantes: Ermelinda Rosa da Silva (Norte); Manuel Ramires (Sul); Luísa Silva (Nascente); Francisco Fernandes (Poente)		
Situação: Castelo do Sancho		
Artigo Matricial: 1320		
Área: 3200m2		
Valor Patrimonial para efeitos de IMT: € 35,37		
Descrição predial: não descrito na Conservatória do Registo Predial de Carrazeda de Ansiães		
Verba n.º 14		
Quota-parte: 1/2		
Natureza: Rústica		
Composição: fragada de pastagem, touças de castanho bravo		
Confinantes: António J. Caetano (Norte); Ismael Queijo (Sul); Carlos Ventura (Nascente); Maria Luísa Mesquita (Poente)		
Situação: Ribeiro da Pia		
Artigo Matricial: 703		
Área: 3000 m2		
Valor Patrimonial para efeitos de IMT correspondente a fração: €51,50		
Descrição predial: não descrito na Conservatória do Registo Predial de Carrazeda de Ansiães		
Comproprietários: António Manuel Gonçalves casado com Isaura de Fátima Goncalves, Pinhal do Norte		
Verba n.º 15		
Natureza: Rústica		
Composição: terra de centeio, horta, vinha, oliveiras		
Confinantes: Francisco António Carvalho (Norte); Francisco António Carvalho (Sul); caminho (Nascente); Porfírio Correia (Poente)		
Situação: Lameira de Cima		
Artigo Matricial: 877		
Área: 2760m2		
Valor Patrimonial para efeitos de IMT: € 589,76		
Descrição predial: não descrito na Conservatória do Registo Predial de Carrazeda de Ansiães		
Verba n.º 16		
Natureza: Rústica		
Composição: olival		
Confinantes: Cassiano Meneses (Norte); José António Lima (Sul); ribeiro (Nascente); caminho (Poente)		
Situação: Preza		
Artigo Matricial: 1366 -		
Área:1820m2		
Valor Patrimonial para efeitos de IMT: €61,89		
Descrição predial: não descrito na Conservatória do Registo Predial de Carrazeda de Ansiães no ano de mil novecentos e setenta e três, por partilha meramente verbal que nunca foi reduzida a escritura pública, feita em dia e mês que não podem precisar, por Óbito de Joaquim Augusto Gonçalves e Isaura do Val, residentes no dito Pinhal do Norte.		
Que, deste modo não possuem título formal que lhes permita registar na aludida Conservatória do Registo Predial os identificados imoveis, todavia, desde o citado ano, data em que se operou a tradição material dos mesmos, eles justificantes, já possuem, em nome e interesse próprios, os prédios em causa, tendo sempre sobre eles praticado todos os atos materiais de uso e aproveitamento agrícola, tais como, amanhando-os, semeando-os, cultivando-os, colhendo os seus frutos, aproveitando, assim, deles todas as suas correspondentes utilidades e pagando todas as contribuições e impostos por eles devidos, agindo sempre como seus proprietários, quer na sua fruição, quer no suporte dos seus encargos, tudo isso realizado a vista de toda a gente, sem qualquer ocultação, de forma continuada, ostensiva e ininterrupta desde o seu inicio, sem qualquer oposição ou obstáculo de quem quer que seja e sempre no convencimento de o fazerem em coisa própria, tendo, assim, mantido e exercido sobre os identificados prédios, durante mais de vinte anos e com o conhecimento da generalidade das pessoas vizinhas, uma posse pública, pacífica, continua e em nome próprio, pelo que adquiriram os citados prédios por usucapião, que expressamente invocam para justificar o seu direito de propriedade para fins de primeira inserção no registo predial, direito esse que pela sua própria natureza não pode ser comprovado por qualquer titulo formal extrajudicial.		
Extraí a presente certidão de teor parcial que vai conforme o seu original, e na paste omitida nada há em contrário que amplie, restrinja, modifique ou condicione a parte transcrita.		
09.04.2015.		
A Conservadora, Ana Paula Pinto Filipe da Costa		

DELÍCIA DE ANSIÃES

Rua Jerónimo Barbosa | 5140-077 Carrazeda de Ansiães

● 965 307 759 ● 278 108 717

Fabrico Próprio

✓ Bolos de Casamento

✓ Batizado

✓ Aniversário

✓ Pastelaria Variada

✓ Variada gama de pão

✓ Folares

✓ Pizzas

✓ Cachorros

✓ Hamburguer



DOCES DA PURI

Puri Fernandes

Beco do Jaime, 30
5140-182 Parambos
Carrazeda de Ansiães
Trás-os-Montes

Telf.: 278 685 233
E-mail: dapuri@hotmail.com
<http://docesdapurieetc.blogspot.com/>
<http://www.facebook.com/DocesdaPuri>



Caça ao Ovo na ARCPA

Catarina Lima

No dia 5 de Abril, Domingo de Páscoa, a ARCPA levou a cabo a já habitual Caça ao Ovo.

Trata-se de uma atividade dirigida aos mais pequenitos que, neste dia, se afadigam na procura dos tão apreciados ovinhos de Páscoa, de chocolate.

Estes, previamente escondidos pelos elementos responsáveis da Direcção, foram em número suficiente para encher os cestinhos da pequenada, que veio equipada a preceito para a ocasião.

Os ovinhos foram suficientes para todos os poderem apanhar, comer e dar a provar, em alguns casos, aos avós que os tinham acompanhado. Foi uma atividade simples mas bem participada e, a avaliar pelos sorrisos das crianças participantes, uma atividade do seu agrado e para manter, para o próximo ano.



Leandro Vale



Nasceu a 18/08/1940
Faleceu a 02/04/2015

Faleceu

O Sr. Leandro Vale sócio honorário n.º 598, de 74 anos de idade.

A família vem por este meio agradecer a todas as pessoas amigas que o acompanharam à sua última morada ou que de qualquer modo lhes testemunharam o seu pesar.

Paz à sua alma.

A Direcção da ARCPA envia os mais sentidos pêsames à família enlutada.

Jornal "O Pombal" n.º 220 de 30 de abril de 2015



Conservatória dos Registos Civil, Predial e Comercial de Vila Flor

CERTIDÃO

Certifico para efeitos de publicação que por escritura de justificação, outorgada hoje neste Cartório Notarial, de folhas cento e trinta e cinco a folhas cento e trinta e seis verso, do Livro de Notas para Escrituras Diversas número "Quarenta e um -D", JOSÉ MANUEL SAMORINHA GONÇALVES, solteiro, maior, natural da freguesia e concelho de Vila Flor, e residente em Rua Fundo do Povo, n.º 34, Arco, Vila Flor, declarou:

Que com exclusão de outrem, é dono e legítimo possuidor de um prédio urbano, sito em Rua da Laginha, na atual freguesia de Vila Flor e Nabo, concelho de Vila Flor, anteriormente situado na extinta freguesia de Vila Flor do mesmo concelho, composto de edifício de rés-do-chão e primeiro andar para habitação, com a área de trinta e oito metros quadrados, a confrontar do norte com rua pública, do sul e poente com João Pedro e do nascente com Virgílio Henrique, ainda não descrito na Conservatória do Registo Predial de Vila Flor, inscrito na respectiva matriz sob o artigo 792 da freguesia de Vila Flor e Nabo, que teve origem no artigo 877 da extinta freguesia de Vila Flor, com o valor patrimonial e atribuído de sete mil setecentos e cinquenta euros.

Que desconhece se o prédio esteve inscrito sob qualquer outro artigo da matriz predial urbana ou rústica, atual ou anterior, da extinta freguesia de Vila Flor, além do já mencionado artigo 877.

Que entrou na posse do indicado prédio por doação meramente verbal, feita em dia que não pode precisar do mês de agosto do ano de mil novecentos e noventa por Mário Guilherme Samorinha e cônjuge Zulmira de Jesus, ele já

falecido, ao tempo residentes em Arco, Vila Flor, doação esta que nunca foi formalizada por escritura pública ou qualquer outro título válido.

Que, deste modo, não dispõe de qualquer título formal que lhe permita registar a aquisição do identificado prédio a seu favor, porém, desde o mês de agosto do ano de mil novecentos e noventa, possui, em nome e interesse próprios, o prédio em causa, tendo sempre sobre ele praticado todos os atos materiais de conservação, uso e aproveitamento, nomeadamente utilizando-o para nele guardar os seus móveis, utensílios domésticos e outros bens e fazendo as necessárias obras de conservação e reparação, aproveitando, assim, dele todas as suas correspondentes utilidades e pagando todas as contribuições e impostos por ele devidos, agindo sempre como seu proprietário, quer na sua fruição, quer no suporte dos seus encargos, tudo isto realizado a vista de toda a gente, sem qualquer ocultação, de forma continuada, ostensiva e ininterrupta desde o seu início, sem qualquer oposição ou obstáculo de quem quer que seja e sempre no convencimento de o fazer em coisa própria, tendo, assim, mantido e exercido sobre o identificado prédio, durante mais de vinte anos e com o conhecimento da generalidade das pessoas vizinhas, uma posse pública, pacífica e continua, pelo que adquiriu o citado prédio por usucapião, que expressamente invoca para justificar o seu direito de propriedade para fins de primeira inscrição no registo predial ao não dispor, dado o modo de aquisição, de título que pelos meios normais lhe permita fazer a prova do seu direito de propriedade perfeita.

Está conforme ao original.

Conservatória dos Registos Civil, Predial, Comercial e Cartório Notarial de Vila Flor, asos vinte e dois de Janeiro de dois mil e quinze.

A Ajudante, Maria Virgínia Pindo dos Santos Frederico.

Jornal "O Pombal" n.º 220 de 30 de abril de 2015



Conservatória dos Registos Civil, Predial e Comercial de Carrazeda de Ansiães

CERTIDÃO

Certifico, para fins de publicação, nos termos do art.º 100º do código do notariado, que por escritura de justificação notarial, outorgada neste cartório notarial, em 10/04/2015, lavrada a partir de quarenta e nove do respetivo livro de notas número setenta e oito C, Fátima do Carmo Menezes Lopes que tabema é conhecida por Fátima Lopes Mount, NIF 284 712 116, e marido Gary Daniel Mount, NIF 284 712 175, casados sob o regime da comunhão de adquiridos, naturais ela da freguesia de Parambos, concelho de Carrazeda de Ansiães, e ele de Alabama, Estados Unidos da América, residentes em 808 Moores Mill Drivem Auburn, Alabama 36830, Estados Unidos da América, declararam: Que, com exclusão de outrem, os seus constituintes são donos e legítimos possuidores dos seguintes bens imóveis, situados na freguesia da Parambos, conceito de Carrazeda de Ansiães, que totalizam o valor patrimonial para efeitos de IMT de € 365,62:

Um) Dois terços indivisos do prédio rústico composto de terra de vinha, amendoeiras e árvores de fruto, com a área de cinco mil e quatrocentos metros quadrados, sito na Arroteia, descrito na Conservatória do Registo Predial de Carrazeda de Ansiães sob o número seiscentos e setenta, com inscrição de aquisição de um dezaesais avos inscritos a favor de Aldina Maria da Silva Gonçalves, conforme apresentação cinco de dezanove de fevereiro de mil novecentos e noventa e nove, inscrito na respectiva matriz sob o artigo 698, com o valor patrimonial para efeitos de IMT correspondente a fração de € 175,07, igual ao que lhe atribuem;

Dois) prédio rústico composto de terra de trigo e quintal, com a área de cento e doze metros quadrados, sito na Venda Nova, a confrontar do forte com estrada nacional, do poente com caminho, do sul com caminho, do nascente com casas do povo, ainda não descrito na Conservatória do Registo Predial de Carrazeda de Ansiães, inscrito na respectiva matriz sob o artigo 721, com o valor patrimonial para efeitos de IMT de € 32,27, igual ao que lhe atribuem; Três) prédio rústico composto de pinhal, com a área de dois mil e quinhentos metros quadrados, sito na Fonte do Seixo, a confrontar do norte com José Maria Magalhães, do poente com limite de Castanheiro e José Saavedra, do

sul com José Sousa e outros, do nascente com herdeiros de Antonio Malheiro, ainda não descrito na Conservatória do Registo Predial de Carrazeda de Ansiães, inscrito na respectiva matriz sob o artigo 931, com o valor patrimonial para efeitos de IMT de € 70,74, igual ao que lhe atribuem. Que os seus constituintes, entraram na posse dos indicados prédios, já no estado de casados, em data que não conseguem precisar mas seguramente há mais de vinte anos, por partilha verbal por Óbito de Manuel Maria Lopes e Maria Cândida Menezes Lopes, que foram casados na comunhão de adquiridos e residentes em 808 Moores Mill Drive, Auburn, Alabama 36830, Estados Unidos da América.

Que, deste modo não ficaram a dispor de título formal que lhes permita registar na aludida Conservatória do Registo Predial os identificados prédios, porém, desde a citada a data em que se operou a tradição material dos mesmos, eles justificantes, já possuem, em nome e interesse próprios, os prédios em causa, tendo sempre sobre eles praticado todos os atos materiais de uso e aproveitamento agrícola, tais como, amanhando-os, semeando-os, cultivando-os, colhendo os produtos semeados, aproveitando, assim, deles todas as suas correspondentes utilidades e pagando todas as contribuições e impostos por eles devidos, agindo sempre como seus proprietários, quer na sua fruição, quer no suporte dos seus encargos tudo isso realizado à vista de toda a gente, sem qualquer ocultação, de forma continuada, ostensiva e ininterrupta desde o seu início, sem qualquer oposição ou obstáculo de quem quer que seja e sempre no convencimento de o fazerem em coisa própria, tendo, assim, mantido e exercido sobre os identificados prédios, durante mais de vinte anos e com o conhecimento da generalidade das pessoas vizinhas, uma posse pública, pacífica, continua e em nome próprio, pelo que adquiriram os citados prédios por usucapião, que expressamente invocam para justificar o seu direito de propriedade para fins de primeira inscrição no registo predial, direito esse que pela sua própria natureza não pode ser comprovado por qualquer título formal extrajudicial.

Extraí a presente certidão de teor parcial que vai conforme o seu original, e na parte omitida nada há em contrário que amplie, restrinja, modifique ou condicione a parte transcrita.

10.04.2015.

A Conservadora, Ana Paula Pinto Filipe da Costa



A região demarcada do Douro

José Mesquita



A Região Demarcada do Douro estende-se por 250 000 hectares, e a plantação de vinha ocupa cerca de um quinto dessa área. Divide-se em três zonas distintas: a oeste, o Baixo Corgo, no centro o Cima Corgo, a leste o Douro Superior e dela fazem parte 22 municípios. Aí se produzem os vinhos correspondentes às denominações de origem “Porto” e “Douro”.

O Alto Douro estende-se pelo vale do rio Douro a partir de Barqueiros, cerca de 100 km a montante do Porto até Barca de Alva e pelos vales dos seus afluentes, entre eles, Tua, Corgo, Torto, Pinhão... Abrigada dos ventos por altas serranias é essencialmente constituída por xistos. É um território agreste, ardente no Verão e frio no Inverno.

No entanto, apenas 24 mil hectares foi classificado pela UNESCO como Património Mundial, ou seja, um décimo dessa área, que engloba treze concelhos, sendo Carrazeda de Ansiães é um deles.

O território do Alto Douro Vinhateiro integra o vale do Douro citado, que já é considerado Património Mundial nos seus ex-

tremos, nomeadamente a zona ribeirinha do Porto, e no lado oposto o Parque Arqueológico do Côa.

A acrescentar à principal cultura da vinha que produz os afamados associa-se o azeite e a amêndoa. À importância da região acresce a fauna deste espaço natural, onde se inclui o Parque Natural Arribes del Duero, em zona espanhola, sobretudo no que diz respeito às grandes aves de rapina, e à cegonha negra. As vertentes escarpadas desta área oferecem a tranquilidade necessária para albergar as inúmeras aves que aqui se reproduzem, como o Grifo, o Abutre do Egito, símbolo do Parque Natural do Douro Internacional, a Águia-real, a Águia de Bonelli, a Águia Cobreira e a Cegonha-preta. Importantes populações de mamíferos podem também ser encontradas neste parque: o lobo, o corço, o javali, a lontra, a raposa, o coelho selvagem, entre outros.

Sendo os bosques de Carrascos (*Quercus rotundifolia*) os mais representativos encontramos também os sobreirais (*quercus suber*), os zimbrais (*juniperus oxycedrus*) e os carvalhais de car-

valho negral (*quercus pyrenaica*). Proliferam ainda um conjunto de arbustos característicos: as estevas, as giestas, as cornalheiras, as lavandas e as urzes, conjuntamente com salgueiros e amieiros que aparecem junto das linhas de água.

Do alto das serranias, vem o coelho, a perdiz e o javali, tornando esta região um ponto de encontro para quem se dedica à caça. Dos rios e riachos chegam às mesas os barbos, as bogas, os escalos, as enguias, o sável, a tenca e a carpa. Terra do bom comer e bom beber, a região pode oferecer a quem chega um magnífico cardápio: cabrito assado, pratos de caça, presunto, alheiras, trutas com presunto, carne assada de porco (a famosa marrã), carnes de porco fumado; e doçaria variada: pão-de-ló, celestes, chila no forno, rosquilhas, bolinhos de amor.

As fortes tradições de recreação têm visibilidade nas inúmeras e dispersas romarias, nas festas religiosas anuais (Natal, Janeiras, Reis, Páscoa...) e nos trabalhos agrícolas principalmente as vindimas.

A paisagem do Douro é toda

ela de enorme atrativo. Das cercanias serranas às margens do rio, da beleza da giesta selvagem aos socos da videira domesticada, passando pelas amendoeiras e cerejeiras em flor desdobra-se esta paisagem singular em cambiantes múltiplas.

O Alto Douro é um exemplo significativo da construção de uma paisagem a que concorreram várias civilizações e povos e em que o vinho foi sempre traço de união. A história da cultura do vinho no Alto Douro é muito antiga e reporta à pré-história como o atesta a descoberta de vestígios de grainhas de “*vitis vinifera*” na estação arqueológica do Buraco da Pala, no regato das Bouças, perto de Mirandela e datadas do século XX a.C. Este “intercâmbio de influências culturais diversas, continuamente sobrepostas, configurou um espaço de sincretismo cultural quer no imaginário coletivo tradicional, quer nos vestígios arqueológicos”, como se dizia no texto da apresentação da candidatura a património mundial e que merece um próximo olhar com revelações porventura surpreendentes.



Rota das Maias

passaio pedestre 17 de maio

...venha despedir-se do Tua selvagem...

08:00h - Autocarro no CITICA

08:30h - Concentração na ARCPA

09:15h - Início do Passeio

13:00h - Almoço na ARCPA

Preço: Não Sócios: 7,5 *maias* | Sócios: 6 *maias*

Inscrições: geral.arcpa@gmail.com | 914903365 ou 964552379

Data limite de inscrições: 14 de maio

